

CONDICIONES
Assignatura mensal nesta cidade. \$ 1.20
Numero do dia. 0.10
atrazado 0.20
VIA FORA
Semestre. \$ 8.00
Anno. \$ 15.00
As assignaturas devem sempre concluir no fim de Março, Junho, Setembro e Dezembro, podendo cancelar em qualquer dia.
A correspondencia deve ser dirigida a Redacção e integralmente sellada, sem o que não será retirada do correio.
PAGAMENTO ADIANTADO

O BRAZIL

Colaborador -- Dr. Alberto Conrado

PROPRIETARIO E REDACTOR -- JOSE MARIANO PORTO

Regente -- Antonio Olivelira

Aos Consumidores de Gaz

Esta gerencia tem a honra de participar ao publico consumidor de gaz, que devido a redução em seu preço, e ao aluguel dos contadores a metade, desde o 1.º de Janeiro do corrente anno, e devido a outras considerações -- o consumo tem augmentado e continua augmentando; porém, a companhia deseja de quanto antes dar principio ao plano indicio de algum tempo a esta parte nos diários de cada capitulo, resolveu reduzir o custo dos aparelhos e de tal os ao alcance de todos e de modo satisfazer os seus propósitos em beneficio dos consumidores.

Juan Ohren.
Gerente.

Montevideo, 1.º de Março de 1889.

TELEGRAMMAS

AGENCIA HAYAS

Estação em Montevideo: Solis 47

PARIS, Março 30. Correo boato que se iniciara perseguições judicias ao General Boulanger e ao Comité Republicano Nacional.

O Procurador da Republica, consta, apresentará a Camara dos Deputados o pedido de instrução do processo contra o General Boulanger, representante do Sena.

PARIS, Março 30. O Sr. Fouchet está melhor.

Numerosos jornais manifestaram sua sympathia por occasião do lance.

LONDRES, Março 30. Telegrammas recebidos pela via Auckland Aden, annunciam que em consequencia do grande temporal nas aguas das ilhas Samoa, tres navios de guerra allemães e tres americanos, foram afundados contra a costa perdendo-se completamente.

O numero de afogados eleva-se a 146.

Muitas outras embarcações menores tiveram igual sorte.

LONDRES, 20. Nas regatas de hoje entro as Universidades de Cambridge e Oxford, triumphou Cambridge.

DUNQUEEN, Março 30. A visita deste porto o vapor belga "Princess Henriette" abalrou com o vapor "Contess de Flandre" da mesma mencionada.

Este ultimo foi a pique e o "Princess Henriette" sofreu serias avarias.

Com excepção do principe Jeronimo Napoleão que se achava a bordo, todos os passageiros e tripulantes do "Contess" pereceram.

BUENOS AIRES, Março 30. O Banco Nacional concedeu todo o ouro pedido a 150.

Fôra da Bolsa a 158.50.

Ações do Banco Nacional 261.50.

Ações de credito 139. Idem Banco Constructor 132.50.

BUENOS AIRES, 30. Um syndicato de capitalistas ingleses presidido pelo banqueiro Murrieta, acaba de comprar por 750.000 libras esterlinas a cervejaria Bieker.

A corveta "Argentina" parte hoje do Valparaíso com destino a este porto.

Dizem que uma vez aqui chegado, o tenente Barraza será submetido a conselho, por causa do famoso brinde em Valparaíso em honra de Roca e que tanto deu que fallar.

BUENOS AIRES, Abril 1.º Hoje começa a vigoria, em toda a Republica, a lei do casamento civil.

Noticiam do S. João que a colheita de uva é abundantissima e muito superior a do anno passado.

Falleceu o antigo commerciante Alejo Arraua.

Começou-se, em La Plata, a construção do edificio destinado ao hospital italiano.

Celebraram-se hontem na provincia as eleições para membros da legislatura; triumpharam todos os candidatos pazistas sem nenhuma opposição, excepto em Mercedes, onde pretendiam promover uma desordem que foi logo acalmada.

Devido ao descarrilamento de quatro wagons de carga, perto da estação

do Retiro, todos os trens de hontem a noite ficaram atarraxados.

Os passageiros do ultimo trem, irritados pela demora, quebraram os cystas, cadeiras e espelhos dos wagons em que se achavam, abandonando-os depois para fazerem viagem a pé.

O BRAZIL

MONTVIDEO, 2 DE ABRIL DE 1889

Direito de reunião

Abrange-se no direito de reunião o do prégar publicamente, em assembleias populares, a idéa republicana?

Sim, não hesitamos em affirmar.

N'uma constituição politica onde todos os poderes são delegações da nação (art. 12), e onde são alteráveis todos os artigos que, segundo o arbitrio das duas camaras, "se reconhecer merecerem reforma" (art. 174-G), está consagrada, sem restricções, a soberania popular.

A mutação da forma de governo, constituição, portanto, uma hypothese legalmente possível e legalmente prevista.

Quando o povo reconhece a imprestabilidade da monarchia, aquelles que lhe promovem a suppressão pelos meios constitucionales, não incorrerão em procedimento revolucionario; provocarão apenas o exercicio regular da autoridade constitucional, de onde todas as autoridades emanam. Ora, o direito de resolver, pre-supposto e encerra o de deliberar. Logo, na faculdade, que assiste ás maiorias populares, de resolver a eliminação do throno, envolvido está o jus de ventilar, e debater, reunindo-se em ajuntamentos para ouvir, discutir, e votar.

Não vamos precucar esta jurisprudencia entre os botafogos da subversão social, mas na lição dos mais esclarecidos amigos da monarchia. Sustentamos, nestas columnas, o mesmo parecer que, em dezembro de 1878, justificava na Italia, perante a camara dos deputados, o ministro Carli Zardelli. Carli, o presidente do conselho, já defendeu, em outubro, no discurso aos electores de Pavia, que representante era, a liberdade de illimitada da reunião: "A liberdade das discussões publicas", disse elle, "é corollario da liberdade de imprensa. Consentir a esta a ampla faculdade de discutir todas as questões da politica interna e internacional, e negar a as reuniões, importa ridicula inconsequencia."

A voz do cidadão não ha de ser menor dos direitos do que a sua pena. Seja inexoravel no reprimir a autoridade publica, mas não arbitrária, prevenindo, e não, quando, em dezembro, teve que acudir, no parlamento, as interpeções que responsabilizavam a sua attitudinal liberal pelo attentado de 17 de novembro contra a pessoa do rei, não se retratou d'essa convicção. Pelo contrario invocou o preceito parlamentar de 1855 sobre a lei da segurança publica, segundo o qual o poder de vedar as reuniões "se resolveria na mais odiosa censura preventiva." Insistiu no seu intuito do "ser implacavel no reprimir, o perspicaz no velar."

Zardelli, collega seu na pasta do interior, o mesmo que hoje serve de novo nos conselhos da coroa italiana, apoiou com energia essa doutrina, tendo em contribuição a sua experiencia administrativa e profunda sciencia constitucional. A cuspida, porém, com que encimou a defeza d'esse direito precioso, foi buscar a Inglaterra, lembrando o meeting de Londres em 21 de Março de 1875, o qual resolveu que "a forma republicana é a unica forma capaz de desenvolver as immensas riquezas do país, a unica digna de um grande povo."

Os actos a que a policia se pôde oppor, considerava elle, "são aquelles que lhe assiste o encargo de submeter aos tribunales judiciais. Se occorresse necessidade, perigo social; se se ameaçasse a tranquillidade publica, o governo encontraria no respeito mostrado para com o direito dos cidadãos, tendo maior força para usar, a bem da ordem, a mais rigi-

da inflexibilidade. Em caso tal, a saber, quando, em nome da liberdade o do direito proprio, se quizesse violar a liberdade o do direito alio, quando se veritasse o começo, o annuncio do attentado criminoso, então o governo applicaria energeticamente a lei."

Debalde nos querem calar, recordando as providencias repressivas da policia Londrina contra os amotinadores do Trafalgar-Square. A liberdade de reunião o do commetter crimes em massa nas ruas têm tanto de commun entre si, quanto o uso do fogo com o privilegio de incendiar. "Os meetings do Trafalgar-Square", ponderava o Times, em 3 de Março do anno passado, "tornaram-se notoriamente meios de aterrorizar a população morigerada." Eram multitudes concitadas para assaltar a policia, apedrejar as casas, saquear o commercio, e destruir a propriedade nas ruas opulentas do West-End, arremessando contra a ordem publica a mollo immensa e brutal dos operarios sem trabalho. Note-se, do mais a mais, que a policia, restringindo as grandes assembleias populares nas praças, onde podiam constituir embaraço e vaxamo a circulação na via publica, em lairos onde o menor estorvo a actividade do transitio representaria damno consideravel a interesses da população, e onde se acham aglomeradas riquezas incalculáveis, não prohibiu os meetings n'outros logradouros publicos, nos logares meramente de recreação o passeio, como os parques. E' que o Times alteria, accentuando a differença, entre Trafalgar-Square e Hyde-Park, e fazendo sentir que a prohibição de assembleias populares no primeiro na cerrava as reuniões publicas em outras localidades desproporcionáveis a esse intuito, como o segundo. Ainda assim, todavia, a opposição gladiatoria oppoz a severidade policial acentuadas censuras.

Se quizessemos, porém, dar idéa aos nossos leitores da amplitude do direito popular de reunião na metropole inglesa, bastaria apontarmos a famosa campanha das ruas em 1881 contra a camara dos lords, em cujo meetings tomaram a palavra os estadistas liberes de mais alta responsabilidade. Entre os episodios d'essa agitação, rememoraremos só a demonstração de Hyde-Park, em 26 de outubro. Não foi uma assembleia, mas uma immensa vaga do oceano popular, que o Times do 31 d'esse mes avaliou em oitenta mil almas. As bandeiras do prestito apresentavam inscripções como esta: "A camara dos lords é abolidiva, e deve ser abollida." "Abaixo os lords." "A camara dos lords, adversa a liberdade civil e religiosa, deve ser destruida." "Um carro transportava uma lapidea tumular com este epitaphio: "A memoria da camara dos lords." As musicas executavam a marшем, enquanto o nome do lord Salisbury era coberto de apedrejados e assovios. No meio da multidão se levantaram nove estrados, cada um com o auditorio de um grande meeting, de onde a voz dos oradores liberes irrogavato dos os opprobrios ao variado inglez, a inviolavel constituição do throno, a base secular da monarchia britannica. A policia, contudo, não poz o minimo impedimento, a ordem não soffreu o mais ligeiro abalo, e o Times, o orgão da opinião conservadora, classificou essa manifestação como admiravel.

Naquella terra sagrada o mater parlamentarum, a mão dos parlamentos, a mão do republicanismo americano, a mão da liberdade representativa, a magica evocadora do grandes nacionalidades nos continentes virgens onde pisou, todas as reformas politicas e sociaes, desde os fins do seculo XVIII, são obra do direito de reunião, especialmente da reunião nas ruas. Equaes têm sido, pergunta um historiador inglez, os resultados d'essa agitação? "Ainda não não forjou o parlamento uma resolução, que o juizo calmo dos tempos ultteriores não viesse aprovar, nem fallou agitação, que a posteridade não haja condemnado. Conspicuos exemplos de aborto são a autonomia irlandeza e o carlismo; no passo que a abolição do trafico de escravos, a ex-

lineção do captiveiro, a emancipação catholica, a reforma parlamentar, a rovoção das leis cereaes são outros tantos frutos da agitação victoriosa."

O jogo livre da palavra e da publicidade é incapaz do mal e omnipotente para o bem. Aquelles que empecem no povo a faculdade do deliberar em commun, são os peiores fautores do instabilidade e inquietação, accendendo no seio das multidões um appetito reprimido, mas crescendo, e imprimindo a oexercio das funcções usuas nos paizes civilizados a apparencia do anomalias criminosas. O espirito publico não se affecio sendo pela intelligencia e pela sympathia. Os regimens que subjugam, em vez de esclarecer, não conseguem jamais levar no coração das maiorias o assentimento de uma adhesão sincera a ordem estabelecida. Obstando as revoluções pacificas, que mudam a face das coisas reorganizando sem devastar, taes governos preparam no subso da sociedade essas commoções saturadas de odio, irritadas contra o direito, inconciliaveis com a autoridade, que desencadeiam a selvageria, interrompem o progresso, semeiam contra a liberdade novas prevenções, substituem o despotismo individual pelo despotismo colectivo o do despotismo colectivo pelas dictaduras militares, abrindo, na historia, longos sulcos de sangue e miseria.

Mas a praxo politica inaugurada entro nós desde a molestia do Imperador parece não respeitar senão a força. Ora, a força acaba por voltar as mãos contra os que lhe propagam o culto.

Decididamente os thronos não aprendem. A lei do atavismo como que actua mais fatal sobre o destino das familias reinantes. O fim de Carlos I não preveniu o de Jacques II. A tragedia do seculo XVI não escarmentou a Carlos X. nem a Luiz Felipe. A catastrophe do Napoleão I não preveniu a Napoleão III. Faz leão I não preveniu a Napoleão III. Faz leão I não preveniu a Napoleão III.

Ben curto fmo o dos que preferem a coroa do terror, que um supro arrebatado do contentamento publico na liberdade, que a gratidão perpetua.

Politica franceza

Do um discurso proferido pelo Sr. Clemenceau camara franceza, extrahimos estes topicos, que dão a medida dos sentimentos do partido radical relativamente ao boulangismo:

O Sr. Clemenceau -- Eu peço para ser contido no numero dos vencidos; reclamo o meu lugar no numero dos que soffreram tão gloriosa derrota. (Applausos á esquerda e no centro.)

Que eu repudio acima de tudo é a vossa abominavel victoria, victoria alcançada contra a republica. (Applausos nos mesmos bancos) -- o como custa dizelo, ni! victoria alcançada mesmo contra a patria. (Novos applausos nos mesmos bancos.)

Eu andei pelas assembleias electorales, andei pelo meu circulo -- o oitavo, onde vi o clero em massa trazer o seu suffragio ao general Boulanger. (Exclamações á direita.)

O Sr. Baudry d'Asson -- Já nos tardava que se fallasse no clero!

O Sr. Clemenceau -- Andei pelas assembleias electorales do Montmartre, vi os operarios votando pelo general Boulanger. Ora, pergunto: a quem enganastes, ó clero, em não vos opor a isso? (Muito bem! Muito bem! na esquerda.)

Uma voz na esquerda: -- Porquê enganastes a todos!

O Sr. Clemenceau -- Eu pergunto a mim mesmo que fareis vós d'essa vossa

victoria, se para ella houvesse o amanhã, vós que vindeis em nome d'esses curus que votaram por Boulanger dizer-nos: "fora d'aqui! Em verdade vós já nos tendes dado o exemplo não assistindo ás sessões; mas nós recebemos um mandado, o esse mandado havemos do mantel-o até ao fim. (Applausos á esquerda e no centro.)

Umaz palavra impia foram pronunciadas ainda agora nesta tribuna, quando o oustites dizer que Pariz vos tinha obedecido.

Não, Pariz não vos obedeceu. Pariz não obedeceu a ninguém, Pariz foi enganado! Eis tudo.

Não virei aqui discutir convosco isso a que chamais a vossa republica. A vossa republica é republica do partido republicano. E eu não conheço outra. Não discutirei tambem isso a que chamais o vosso regimem, que até no presente tem apenas consistido, como dizia ainda agoz, o Sr. Madier de Montjau, em tudo fazer curvar perante um homem, em fazer curvar todo o possível para collocar esse homem no topo da nação, em lançar mão de todos os meios contra a republica e contra a patria. (Applausos á esquerda e no centro.)

Fallou-se aqui em leis de excepção. A este respeito preciso do me declarar. Quando a republica parece ameaçada por uma empreza faciosa, é naturalissimo que pensemos em leis de excepção, em medidas de violencia.

Pela minha parte, eu digo-o francamente, dirigindo-me aos meus collegas do partido republicano, estive tentado a optar por ellas, e não foram seguramente estas palavras do Sr. Cassagnac que me fizeram mudar de parecer. E' effectivamente exequito vós os partidarios dos golpes d'Estado, das prescripções, dos fuzilamentos, da lei de segurança geral, virem hoje indignar-se e lançar-nos o seu anathema a proposito de uma lei sobre babilhologia. (Applausos e risos da esquerda.)

Não, senhores, pelo que me toca, o que deve tratar-se de saber é se taes medidas seriam efficazes.

Ora bem, por mim, eu não o creio!

Uma voz á direita: -- E tem muita razão!

O Sr. Clemenceau -- Eu não pronuncio levantamento estas palavras. E' depois de ter meditado por muito tempo, e depois de ter discutido esta questão com todos os seus collegas, muitos dos quaes não são do meu parecer, que eu hoje me pronuncio. Acaso poderão servir essas leis ao imperio, regimem muito mais forte, apparentemente pelo menos, do que um regimem parlamentar? Voltaram contra o regimem de 16 de Maio, que todavia perante cousa alguma recuava.

A direita: Que diabo quer dizer isso? O 16 de Maio nada fez.

O Sr. Clemenceau -- Não, senhores, taes leis apenas podem servir para irritar os espiritos, para agravar a colera dos descontentes, produzindo exactamento o effecto contrario a quello que dellas se espera (Applausos á esquerda.)

Em seguida o orador, voltando-se para os bancos dos boulangistas, o referindo-se a futura luta eleitoral, em que os republicanos todos, desilludidos e colligados, hão de esmagar os inimigos traçoires da Republica e do regimem parlamentar, prosegue:

O Sr. Clemenceau -- Elles hão de então perguntar-vos quem vós sois, quaes os vossos designios, ao que pretendes levantar, a que perigos expondes este país? Elles hão de pedir-vos contas, e veremos quem ha de vir a proxima assembleia. A luta não será porventura tao facil como elles o pensam, para os inimigos da Republica; porque, se o seu chefe tem até hoje alcançado numerosas victorias, os seus protegidos nem sempre têm triumphado.

Tal é a caracteristica d'este movimento singular, que na hora presente tanto preoccupa o mundo politico francez.

Julgamos acaso que estamos em frente d'um movimento politico? De modo algum. Estamos em frente de uma manifestação religiosa. (Risos á direita.)

Não sabemos o que quero dizer! Se que-

reis dar-me a honra de escutar-me, eu vou explicar o meu pensamento. (Fallo! fallo! á esquerda.)

O Sr. Clemenceau -- Esto paiz á presa actualmente d'aquella molestia que Michelet tão maravilhosamente descreveu: "o messianismo". Sim! O Sr. Boulanger é o messias, é o salvador, é o fideiher; por toda a parte onde elle se apresenta a virtude do seu nome é efficaz. (Muito bem! muito bem! á esquerda.)

Mas os prodigios que elle executa, os outros são impotentes para os reprimir. Onde está o seu partido? Que figura poderá elle fazer nas eleições generaes? Que coalisões poderão formar-se, o quaes accão impossiveis? E' o que á preciso ver.

Nos, pela nossa parte, apollaremos para as velhas tradições do partido republicano. Havemos do fallar-lho das provas soffridas em commun, das esperanças communes, da persistencia no esforço, que é a condição indispensavel do triumpho; havemos do mostrar-lho o parigo dos votos do clero, havemos do levar-o, do fronto erguida, a luta contra os inimigos, seja qual for a sua proveniencia, a victoria não será duvidosa, porque o suffragio universal ha de reconhecer os seus. (Vivos e prolongados applausos á esquerda. O orador é felicitado por muitos deputados.)

A França e a Inglaterra

Os movimentos populares que parallelamente occorrem na França e na Inglaterra, assignalam com curioso contraste o genio democratico do um e do outro paiz, com os meios do neção que o povo francez e o povo inglez sabem empregar para a realização das suas aspirações politicas.

Na França, sob a acção da colera, da dor por grandes desastres, o patriotismo viu na "desfora" a reivindicação nacional e a voz dos cantos do Deroulé substituiu a sua idéa vingadora em uma associação a "Liga dos Patriotas", propagandista, bullente, cheia d'aquella exageração do orgulho nacional que os francezes chamam *chaurinisme*; na Inglaterra, um grande partido, a maioria do povo não privilegiado, sentiu as dores do grande injustica, os soffrimentos do oppressão secular o calmo e reflectido, estimulado pela palavra pensada do um velho e experimentado estadista, Gladstone, tem procurado restituir á Irlanda o que é direito de todos os povos -- a liberdade.

Sendo lenta a propaganda da "Liga dos Patriotas", os impacientes procuraram mover novos e convulsivos movimentos paizem grado, não grado, e trouxeram a communhão da sua fé bellicosos e aggressiva. Inventou-se então Boulanger, o capitão vingador para os crentes da "desfora", e sendo Boulanger do facto elemento dissolvente da república, os monarchistas aproveitaram-n'o para matar com toda a anarquia que dello podem tirar.

A "Liga dos Patriotas" quer ganhar tudo do chofre, ferveja impetuosamente sempre, e perden-se quasi perdendo a democracia franceza, do que sahiu e do que se diz defensora.

A ballhorda da situação politica em França resulta da intrinseca de todos os partidos, da violencia de todos os chefes, da precipitação de todos os actos politicos. Cada qual procura em proveito proprio, nas suas idéas, na realização do seu programma, tornar verdadeiro o mytho hellenico que fez do cerebro do pai dos deuses, sahir criada, joven e forte a deusa da sabedoria. Esqueceram os partidos francezes que a sabedoria politica tira o ensino da prudencia o da experiencia, e estas são um dom do tempo e dos acontecimentos.

A Republica Franceza pôde sossoltrar nesses arranços de impaciencia dos republicanos e com certeza a "Liga dos Patriotas" dilatou por muito tempo a satisfação do seu objectivo.

Data do poucos annos o levantado do povo irlandez na conquista do seus direitos.

Grux pensa que foi um accidente de pelo, continuou elle; Mas não creio que foi um accidente causado pela diglitação: o o senhor!

Eu! Não acredito em nada e acredito em tudo. A fallar a verdade, não sei. Esta noite fulminante pôde ser o resultado de uma endocardite ulcerosa, de marcha rapida com embolias cerebraes capilares. Mas não explico. O senhor sabe que a embolia é uma obstrução causada por coelhos do sangue felino, que, formados em uma arteria, são arrastados na corrente do sangue e vão obliterar uma arteria mais pequena, á maneira de um pistão, do onde resulta morte rapida. Mas essa explicação não me satisfaz. E' verdade que estou com a cabeça perdida.

Deixando Méralut, foi dar um beijo na fronte de Veronica. Depois sentando-se perto da cama, alli ficou até á manhã, sem movimento, e sem fallar. Foi o ruido da cidade que, augmentando, o tirou da sua postração.

Então, lembrou-se dos seus amigos. Dionysia devia querer ver os seus filhos. Méralut tinha necessidade de se occupar dos seus negocios. Disse-lhes que o deixassem ir.

Dionysia sahiu, mas Méralut não se quiz ir embora, para ficar empregado mesmo uma insistencia, que impressionou Claudio.

(Continua)

FOLHETIM D'O BRAZIL

O DR. CLAUDIO

POR

HEITOR MALOT

QUARTA PARTE

Ficou por longo tempo assim, sem que Méralut e Dionysia retirados para o outro lado do quarto ouassem incommodado; além disso tambem elles estavam muito encançados.

Da repente agitou-o um calofrio e sacudindo-o com força, fê-lo sahir daquelle torção; um grito, um soluço deprendeuse-lhe da garganta, levantou-o e atirando-se para cima da cama, abraçou-se com a mulher.

Méralut e Dionysia aproximaram-se então e conservaram-se por detraz delle, mas sem fallar.

Quando ella se levantou, vi-os e apertou-lhes a mão.

— Ambos a amavam, disse elle, e ella tambem os amava.

Mas as palavras pararam-lhe na garganta contrahida.

Foi só depois de alguns instantes que elle olhou para todo o quarto.

— Marsin? perguntou elle.

— Foi-se embora, respondeu Méralut.

— E' justo. Mas vocês, meus amigos, não se foram, obrigado!

— Era muito natural.

— Para o senhor, mas para mim? E estremeceu da cabeça até os pés.

Em seguida, deu um momento de descajeiro, continuou, dirigindo-se a Dionysia:

— Tenho um favor que lhe pedir, mas não m'o deve fazer, se não se sentir com forças para isso.

— Hei de tel-as, respondeu ella com voz grave e resoluta.

— E' ajudar-me a vestir: a quero que ninguém llo toque, que ninguém a veja a não ser eu e a senhora.

— Hei de ajudal-o.

Depois dirigindo-se a Méralut.

— Emquanto ao senhor, meu amigo, peço-lhe que se encarregue de tudo quanto for necessario. Desejo não a deixar, não quero que me distraiam. O que o senhor fizer está bem feito.

Fez um signal com a cabeça a Dionysia, para lhe perguntar se estava pronta e esta respondeu affirmativamente do mesmo modo.

Então Méralut dirigio-se para a porta afim de os deixar sós: mas, antes de sahir, chamou a mulher, disse-lhe algumas palavras ao ouvido.

A Sra. Méralut voltou para perto do Claudio.

— A senhora mandou dependurar o vestido della no gabinete de vestir? perguntou elle.

— Mandei.

E foram a esse gabinete. O vestido estava pendurado em um cabide.

Mas quando ia metter-lhe no bolso, Claudio detev-se tremendo, parecia-lhe

que aquelle vestido tinha o quer que é de vivo.

— Faça favor, disse elle, tire um mollo de chaves de dentro do bolso.

O gabinete do vestir era uma vasta sala, com já se não encontra senão nas casas construidas em outro tempo. Era guardado todo a roda, de armarios do carvalho, que nunca tinha sido pintado o cujas esculpturas delicadamente executadas representavam grinaldas de folhas com alguns ramos de flores em relevo. Era naquelles armarios que estava guardada a roupa do seu uso corporal e da casa.

Claudio abriu um delles e montões de lençoes, de toalhas e guardanapos appareceram dispostos em perfeita ordem. Dionysia tirou lençoes e fronhas.

Claudio abriu um outro armario, o que encerrava a roupa de uso de Veronica. Mas, apenas a porta se abriu, Claudio recuou, fechando os olhos. A primeira cousa que viu era o enxoval em que ella tinha trabalhado com tanta satisfação, arruinado alli, arranjado com amor; mas fechar os olhos não o arrancava á pungente commoção que o tinha acommettido, porque do toda aquella roupa, daquelle enxoval, daquellas camisas, daquelles corpinhos, daquelles lençoes despendia-se um perfume de violetas que soffocava.

— Queira ter a bondade, disse elle, do tirar o que for necessario, eu não posso.

E voltou para o quarto.

Dahi a pouca Dionysia foi ter com elle e ambos trataram de vestir a moria e de

lhe arranjar o leito; mas foi elle só que lhe tocou para a pentear, para a lavar e vestir-lhe a roupa. Carregava

